

BRASÍLIA NO ESPELHO

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

O menino que dormia num carrinho de jardineiro e vivia com a família numa mina de cristal abandonada em Cristalina (GO) é agora astro de cinema. Fernando Ferreira de Souza, 7 anos, fez o papel do ceguinho Olavo no filme *O Cego que Gritava Luz*, de João Batista de Andrade.

Pena que Fernando não foi assistir ao filme, o primeiro da mostra competitiva do 29º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. “Pensei que ele não pudesse entrar”, explicou o pai adotivo de Fernando, o bancário aposentado Reginaldo de Holanda Ramos.

Nem tudo está perdido. A produtora do elenco, Teresa Padilha, está providenciando uma sessão especial para Fernandinho e a família, que mora em Cristalina. “Gostei do filme, mas o Fernando apareceu muito pouco”, reclamou Reginaldo, o pai adotivo do novo astro. Fernando não teve do que reclamar: “Eu agora sou ator de cinema e teatro”, repete ele a todos que se aproximam.

Como Fernandinho, todo o elenco de *O Céu que Gritava Luz* é de Brasília, à exceção dos atores Roberto Bonfatti e Tonico Pereira. O primeiro é o narrador que conduz toda a história, o segundo é o ceguinho adulto. Brasília, aliás, é a perso-

nagem principal, o que intrigou a crítica paulista e carioca.

“No Rio e São Paulo, me perguntaram muito por que fazer um filme em Brasília”, conta o diretor. E ele respondia: “Se você quer ficar longe do poder, vá para Brasília”. Em São Paulo, diz João Batista Andrade, “a gente se sente mais próximo do poder que aqui”.

O filme conta a história de um cego que assistiu ao assassinato de duas meninas à beira do Lago Paranoá. Um velho pinguço passa o filme inteiro narrando o caso ao mesmo tempo em que Brasília aparece. Não apenas a Esplanada dos Ministérios, como de hábito, mas o lago, o Setor de Diversões Sul, o pôr-do-sol e o povo.

Foram 180 figurantes, dos quais menos da metade sobreviveu aos cortes de edição. Entre os sobreviventes está o Kojac, funcionário público aposentado e morador da Candangolândia que ontem levou alguns vizinhos para assistirem à sua participação no filme. “Avisei a eles que era só uma pontinha”, contou Kojac, que já fez mais de uma dezena de figuras em curtas e longa-metragens.

“Hoje no meu salão as freguesas comentaram que viram Kojac no cinema”, conta a cabelereira Teo, orgulhosa mulher de Kojac. O casal está mais orgulhoso ainda porque o filme *Gingo não perdoa, mata*, de Afonso Brazza, chegou nas locadoras da Candangolândia. Nele, Kojac é o Xerife, um dos mais destacados papéis de sua carreira.



Carlos Moura



Estrela, aos sete anos de idade, de *O cego que Gritava Luz*, Fernando de Souza não viu a estréia do filme

Mãe se orgulha do filho

Como mãe é tudo igual, só muda o endereço, a professora aposentada Maria Cirene Grossi sentou-se ao lado do filho, o ator Murilo Grossi, para vê-lo em *O Cego que Gritava Luz*. Mas essa não é uma mãe tão igual às outras. Ela torcia para não reconhecer o filho ator no personagem Gustavo, o dono do bar onde se desenvolve boa parte da ação.

“Eu ficava pensando. Tomara que ele não fique parecendo ele. É sinal de que ele está desempenhando bem o papel”, torcia dona Maria Cirene antes da exibição. Ao final, ela saiu satisfeita com o filho, mas nem tanto com o filme. Dona Cirina mede as palavras, mas arrisca: “Como posso dizer?... É um filme muito intelectualizado”.

Murilo Grossi levou a mãe e a namorada para vê-lo na telona do Cine Brasília. Ele conta que, no silêncio da exibição, podia ver o

sorriso de dona Maria Cirene. Ele não concorda com a crítica da mãe a *O Cego*...: “Esse não é um filme que atenda às expectativas mercadológicas”, reconhece.

A estudante Mariana Padilha, 17 anos, gostou de se ver na tela, sempre sentada numa mesa de bar. “Achei o maior barato”, diz ela, que antes nunca tinha pensado em ser atriz, apesar de a mãe, Teresa Padilha, viver de teatro e cinema. Mariana diz que está torcendo para o filme ser visto pelos amigos. “Quero ver se alguém vai comentar”, afirma.

Tanta Brasília num só filme inspirou o diretor João Batista de Andrade a escrever a letra da música-tema do filme, que Ná Ozzetti gravou. O diretor lembra os primeiros versos: “Em Brasília eu me perdi/num dia de sol eu te vi/como uma nuvem de luz/Tanta luz assim/confesso eu nunca mais senti”.